

REGIÃO CULTURAL, REGIONALIDADE E IDENTIDADE REGIONAL EM *FOGO MORTO*, DE JOSÉ LINS DO REGO.

Manuela Matté¹
Salete Rosa Pezzi dos Santos²

RESUMO: Este ensaio discute os conceitos de região cultural, regionalidade(s) e identidade(s) regional(is) na literatura, a partir da análise da obra *Fogo morto*, de José Lins do Rego. Discute-se de que maneira a região se configura, internamente, na obra, a partir da presença de regionalidades que caracterizam o contexto sócio-histórico-cultural de inserção das personagens, as quais, por sua vez, identificam-se com essa região por meio de suas identidades regionais. São usados como aporte teórico para esta discussão os estudos sobre região e regionalidade de Haesbaert (2010), Joachimsthaler (2009), Berumen (2005) e Barcia (2004), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Região Cultural. Regionalidade. Identidade Regional. *Fogo morto*.

Introdução.

Fogo morto, décimo romance de José Lins do Rego³, cuja primeira edição data de 1943, publicada pela José Olympio, no Rio de Janeiro, é comumente considerado pela crítica a obra-prima do escritor, entre outros motivos, pelo fato de o autor alcançar "a maturidade sem abjurar de suas mais fundas raízes, patentes do ciclo da cana-de-açúcar." (MOISÉS, 1996, p. 197). De acordo com Eduardo Coutinho (1988, p. 9), no conjunto das obras de José Lins do Rego, *Fogo morto* destaca-se por sua "dimensão altamente significativa" e por sua "expressão de uma cosmovisão muito mais ampla", a qual deixa "perpassar uma consciência do caráter de literariedade da obra". Para Afrânio Coutinho

¹ Mestra em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

² Doutora em Letras-Literatura Comparada, pela UFRGS. Professora e pesquisadora no Curso de Letras e no programa de Pós-graduação stricto sensu da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

³ José Lins do Rego (1901–1957) nasceu no município de Pilar, no estado da Paraíba. Formado em Direito, foi amigo de Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Raquel de Queirós. Sua obra completa é composta por doze romances, além de crônicas, ensaios e literatura infantil. (MOISÉS, 1996). "Descendente de tradicionais senhores de engenho, José Lins do Rego fez da literatura um instrumento de reflexão sobre os conflitos sociais do Nordeste [...] Dotado de sensível poder de observação, Zé Lins é um exímio retratista da ordem patriarcal, da experiência da seca, das aventuras do cangaço e do misticismo popular." (CASTELLO, 2009, p. 620).



(1999, p. 354), *Fogo morto* é a "única produção excelente" de José Lins do Rego.

Além de bastante elogiado pela crítica, o romance tem sido extensivamente analisado e discutido, na maioria das vezes, pelo viés de sua estrutura tríade, da profundidade de suas personagens ou, ainda, da decadência econômica que denuncia, em função da transição entre o mundo do engenho e o anúncio da usina. Caracterizado, tradicionalmente, pela crítica como "romance regionalista", ou, então, como "regionalista, mas universal", o olhar sobre a região presente em *Fogo morto* parece ser, ainda, predominantemente geográfico: "historicamente, o lugar de José Lins do Rego na literatura brasileira é assegurado pela anexação que ele efetiva da realidade física e social nordestina, no plano da literatura." (COUTINHO, 1999, p. 341); "o autor se deixa guiar pela intenção crítica de ampliar e completar [...] a pesquisa regionalista." (CASTELLO, 1961, p. 121). A partir desses comentários e de outros que seguem a mesma linha, percebe-se que, quando presente a ideia de região, é a região geográfica que predomina nas análises de *Fogo morto*.

O presente ensaio propõe analisar a questão regional em *Fogo morto* sob um viés alternativo – o viés cultural –, na crença de que a configuração de uma região ocorre não apenas em seus aspectos físicos, mas também e, principalmente, através de seus aspectos culturais⁴. Nesse sentido, as especificidades que distinguem uma região de outras regiões, ou seja, as regionalidades, necessitam ser analisadas dentro de seu contexto de existência e em relação aos sujeitos que as praticam. A partir da prática dessas regionalidades, esses sujeitos assumem determinadas identidades regionais, identificando-se com uma determinada região cultural.

A região em *Fogo morto*.

Definir o que é região não é tarefa simples. Talvez seja mais fácil definir o que ela não é. Uma região cultural não é uma realidade *a priori*, mas uma realidade construída simbolicamente, a partir de um conjunto de relações simbólicas que apontam para sua existência (POZENATO, 2003). Região também não é sinônimo de espaço cultural, pois há espaços culturais que não se constituem como região (JOACHIMSTHALER, 2009). Regiões agem com certa homogeneidade e individualidade se comparadas a outros espaços culturais regionais (JOACHIMSTHALER, 2009). Entretanto, falar em total homogeneidade geográfica, econômica, histórica ou social dentro de uma região é impossível (BERUMEN, 2005), haja vista as diversidades que podem ser encontradas numa mesma região. Por todos esses motivos é que a tarefa de definir o conceito de região se torna complexa.

De acordo com Chiappini (1995, p. 158), "o espaço regional criado literariamente aponta, como portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente." Assim, definir a ideia de região também implica definir a noção de espaço, esta última estando intrinsecamente relacionada à primeira. De acordo com Massey (2008, p. 29), "*primeiro*, reconhecemos o espaço como produto de inter-relações, como sendo

⁴ Entende-se por cultura "um grupo social integrado, amparado em padrões de conhecimento, valores ou crenças comuns; em estruturas sociais; relações materiais e modos de comportamento, comunicação e pensamento." (LAUERHASS JR., 2007, p. 15).



constituído através de interações, [...]. Segundo, compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, [...]. Terceiro, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção.". É a construção, constante e coletiva, do espaço, pelos indivíduos nele presentes, que permite que esse espaço se constitua em uma região: "uma região definida em termos culturais equivaleria, portanto, a um espaço, se a compreendermos como construída por um conjunto de práticas, de ações e relações sociais" (SANTOS, 2009, p. 15). Tomar o espaço como dimensão de análise da região, no entanto,

não significa, nunca é demais enfatizar, que se trate de um espaço separado ou separável dos sujeitos que o constroem: a regionalização deve estar sempre articulada numa análise centrada na ação dos sujeitos que produzem o espaço e na interação que eles estabelecem, seja com a "primeira" (cada vez mais rara, como já reconhecia o próprio Marx), seja com a "segunda" natureza. Ou seja, o espaço sempre visto em seu sentido relacional, totalmente impregnado nas dinâmicas de produção da sociedade. (HAESBAERT, 2010, p. 6).

Segundo Arendt (2011, p. 219), a região é um "espaço histórica e culturalmente construído por diferentes formas de representação". Essas formas de representação, legitimadas pelos indivíduos presentes nesse espaço cultural, compõem, juntas, uma região sociocultural.

Em *Fogo morto*, observa-se a presença de um espaço regional e literariamente construído por seus indivíduos. Retomando a definição de Chiappini (1995, p. 158), o espaço regional sempre aponta para uma "região geográfica existente". Assim, a dimensão geográfica estabelece um importante papel na constituição da região, mas não é o único fator a ser analisado. Sem a pretensão do elogio e da idealização do espaço físico, *Fogo morto* é ambientado nas terras do engenho Santa Fé, localizadas no município de Pilar, no estado da Paraíba: "eu só sei que ele tomou o trem no Pilar, e foi à cidade." (REGO, 1997, p. 61). O enredo⁵ desenvolve-se principalmente nesse município, embora outras cidades vizinhas sejam mencionadas, durante a narrativa, em função dos deslocamentos das personagens no espaço: "voltava do Sapé, e quase chegando no Marau, me senti cercado de gente" (REGO, 1997, p. 61). A região física fica definida desde as primeiras páginas de *Fogo morto*, no entanto, as descrições da paisagem limitam-se a poucos trechos relacionados às características físicas locais: "lá estavam o cardeiro, o chiqueiro dos porcos, as touceiras de bogaris. As cajazeiras que se pontilhavam de amarelo com as frutas maduras" (REGO, 1997, p. 181).

⁵ De acordo com Moisés (1996, p. 197), o enredo "divide-se em três partes, numa estrutura tipicamente novelesca: a primeira, ao redor de José Amaro, seleiro de beira de estrada em terras do Engenho Santa Fé, do Coronel Lula, e que apoia o Capitão Antônio Silvino, chefe de cangaceiros, contra o latifundiário, ao mesmo tempo que arrasta uma desgraçada vida doméstica; a segunda, centra-se no Coronel Lula, prepotente e beato, dono de um engenho em declínio por sua imperícia, cercado de uma mulher de fibra, duma filha solteirona e duma cunhada demente; a terceira, focaliza o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, interessado mais na política local que na mulher. O caso do Coronel Lula, pondo-se no centro do tríptico, atrai para si o núcleo da obra, como bem expressa o título, sinal icônico da decadência do Santa Fé".



Nota-se, diante disso, que a constituição do espaço, em José Lins do Rego, aponta mais enfaticamente para o segundo aspecto estabelecido por Chiappini (1995, p. 158): "um mundo histórico-social", ou, para Berumen (2005, p. 56), um

conjunto de valores compartilhados por los habitantes de un mismo territorio; por las formas de vida cotidiana que identifican a una comunidad y la distinguen de las demás; por la existencia de un pasado histórico común; y, en fin, por todo aquello que da cuenta de la existencia de una identidad cultural y que se traduce en actitudes, tradiciones, costumbres, símbolos y creencias que son comunes a un grupo humano.

É o grupo humano, portanto, que constrói, simbolicamente, a região, a partir do sentimento de pertença em relação a ela. Nesse aspecto, a formação de uma região assemelha-se muito à formação de uma nação⁶. Ambas são imaginadas e vistas como soberanas (ANDERSON, 2008) e possuem o mesmo objetivo: o "de criar um espaço – simbólico, bem entendido – com base no critério da exclusão, ou pelo menos da exclusividade" (POZENATO, 2003, p. 155). Nações e regiões buscam a distinção:

sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a ideia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como "nós" por oposição a "eles", aos "outros" e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade. (BOURDIEU, 2003, p.124).

Assim, região e identidade regional estão em constante relação, sendo que a existência da primeira depende da existência da segunda, e vice-versa: "uma região é, portanto, 'simplesmente' uma condensação de espaço cultural [...] usada por indivíduos como motivo para a construção de identidades regionais, no que elas [as condensações] atribuem um sentido para a identificação de caráter identitário aos espaços" (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 40). Em *Fogo morto*, o sentimento de identificação com a região ocorre por meio de uma série de elementos comuns aos indivíduos presentes no espaço, elementos que distinguem essa região cultural de outras regiões em função de seu caráter de individualidade e exclusividade: as regionalidades.

As regionalidades em *Fogo morto*.

Regionalidades são especificidades que compõem uma região cultural (ARENDRT, 2012). Essas especificidades "não constituem conjuntos de objetos passíveis de serem pensados fora de seus contextos particulares de significação" (SANTOS, 2009, p. 16), logo, só é possível analisá-las dentro de

⁶ Entende-se por nação "um povo que compartilha uma identidade cultural comum, geralmente baseada na mesma língua, no território geográfico e em experiência histórica. Se esses laços não existem ou são pouco desenvolvidos, devem ser fortalecidos, revitalizados ou criados como base para a nação. Embora existam até milhares de nações efetivas ou potenciais, apenas uma fração delas se realiza plenamente" (LAUERHASS JR., 2007, p. 15-16).



seu contexto de existência. Novamente, é impossível falar em regionalidades totalmente homogêneas dentro de uma região, mas, segundo Barcia (2004), uma região cultural deve possuir o mínimo de diferenças (embora haja sobreposições):

regionalidades também podem ser tomadas como índices das fronteiras culturais que se movem no tempo e no espaço. Enquanto especificidades, elas levam os indivíduos a aceitar ou a rejeitar os valores vigentes em uma escala regional. Em outros termos, ao habitar uma região, é possível identificar-se positivamente com algumas regionalidades e, ao mesmo tempo, entrar em conflito com outras. Regionalidades implicam atitudes de resistência ou de participação, de hostilidade ou de aliança, de rejeição ou de aceitação, atuando ora como obstáculos e limites, ora como continuidades e elos de ligação. (ARENDDT, 2012, p. 96).

Dentre esses "elos de ligação" (ARENDDT, 2012, p. 96) que unem os indivíduos de uma região, Barcia (2004) elenca alguns aspectos básicos, como história, costumes, língua, concepção de mundo, substratos míticos, estrutura social e econômica, coerência e unidade, além da necessidade de uma "inter-relação entre os seus constituintes que os assuma e associe" (BARCIA, 2004, p. 37). Stüben (*apud* ARENDDT, 2011, p. 228) também elenca tópicos de reconhecimento de uma região. Entre eles, estão as comunidades religiosas, as condições políticas e históricas, as circunstâncias socioculturais, a situação linguística, a existência de minorias e as tradições culturais. As regionalidades que contribuem para a configuração da região, portanto, são especificidades de naturezas material e simbólica:

qualquer análise regional que se pretenda consistente (e que supere a leitura da região como genérica categoria analítica, "da mente") deve levar em conta tanto o campo da produção material quanto o das representações e símbolos, ideais, tanto a dimensão da funcionalidade (político-econômica, desdobrada por sua vez sobre uma base material-"natural") quanto do vivido (simbólico-cultural, mais subjetivo) – em outras palavras, tanto a coesão ou lógica funcional quanto a coesão simbólica, em suas múltiplas formas de construção e des-articulação – onde, é claro, dependendo do contexto, uma delas pode acabar se impondo sobre – e refazendo – a outra. (HAESBAERT, 2010, p. 17).

Em *Fogo morto*, dentre as regionalidades materiais e simbólicas, destacam-se história, política, economia, costumes, questões linguísticas, questões religiosas, lendas/crenças e valores. Essas regionalidades ficam perceptíveis através do enredo e das ações das personagens, que, juntos, constroem e desvelam, durante a narrativa, a região cultural em que se inserem.

De acordo com Berumen (2005, p. 51), "la región socio-cultural nace básicamente de la historia". A dimensão temporal histórica em *Fogo morto* constitui-se como regionalidade, à medida que propicia à região e aos seus indivíduos um passado e um presente em comum. A história é trazida à tona, principalmente, através das memórias das personagens. Essas, nesse sentido, contribuem para a formação da identidade regional: "relembrar o passado é crucial para o nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos." (LOWENTHAL, 1981, p. 83). As memórias são muito importantes no



que concerne à formação da identidade regional, pois, segundo Pollak (1992, p. 2), "podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação." Santos (2009, p. 17) afirma que "as memórias podem ser vistas também como relatos de regionalidade". A partir das memórias das personagens, é possível constituir o tempo histórico de *Fogo morto*, o período da República Velha, de 1889 a 1930: "agora estou velho, esta história de República é esta leseira que se vê" (REGO, 1997, p. 65). Outra marca histórica importante na região é a escravidão nos engenhos e a conseqüente abolição da escravatura, que contribui para a falência do engenho de Seu Lula: "chegou a abolição e os negros do Santa Fé se foram para outros engenhos" (REGO, 1997, p. 141). Os acontecimentos históricos em *Fogo morto*, assim, funcionam como "elos de ligação" (ARENDRT, 2012, p. 96) entre os sujeitos da região para a formação de uma identidade regional.

As questões políticas também se constituem como regionalidades, haja vista sua importância no desenrolar da trama e na vida das personagens. Principalmente, na terceira parte da obra, intitulada "O capitão Vitorino", as questões políticas regionais ficam evidentes: trata-se da República das Oligarquias e o do Coronelismo, regimes que garantem, a partir da indicação dos candidatos locais e da compra de votos, o poder aos oligarcas do açúcar, aos coronéis e aos senhores de engenho. Em vários momentos da narrativa, o sistema político define grande parte dos acontecimentos da região, e, em torno deles, também se movem as personagens: "vem aí o Coronel Rego Barros, é militar, é homem de dar razão a quem tem. Vai ser governador" (REGO, 1997, p. 21); "ele e todo seu eleitorado iriam às urnas para salvar a Paraíba dos oligarcas" (REGO, 1997, p. 195).

O fator econômico, aliado às questões históricas e políticas, em *Fogo morto*, faz parte da produção material característica da região e, portanto, também se constitui como regionalidade. José Lins do Rego denuncia "a decadência de toda uma estrutura socioeconômica baseada no engenho de açúcar" (COUTINHO, 1988, p. 13). Em função de um senhor de engenho que não se adapta aos moldes da economia açucareira, o engenho Santa Fé é narrado desde o seu auge até a sua decadência, ao contrário dos demais engenhos vizinhos, como o Santa Rosa, que continuaram produzindo: "nunca mais que o cabriolé de seu Lula enchesse as estradas com a música de suas campanhas. A família do Santa Fé não ia mais à missa aos domingos. [...] O engenho se arrastava na safra de quase nada" (REGO, 1997, p. 211). A economia dos engenhos de açúcar é, portanto, o que movimenta a região que se configura na obra, principalmente através de suas personagens, cujo "destino lhes está pré-traçado desde sempre [...] pela conjuntura socioeconômica" (MOISÉS, 1996, p. 199).

Os costumes praticados pelos indivíduos de uma região constituem-se como regionalidades. Entre outros costumes, a gastronomia, segundo Arendt (2012), configura-se como uma prática de regionalidade, pois distingue uma região de outros contextos culturais mais amplos. Em *Fogo morto*, a culinária nordestina contribui para a configuração regional: "e comeram o feijão com a carne-de-ceará e tocinho torrado" (REGO, 1997, p. 6); "José Passarinho apareceu para pedir um prato de pirão" (REGO, 1997, p. 84). Não apenas a



culinária, mas também o saber popular praticado pelos moradores da região a distingue de outras regiões. Nas conversas que ocorrem em frente à casa de Mestre Amaro, localizada em um ponto estratégico de passagem no povoado, alguns costumes populares vêm à tona: "conheço um remédio para isto que é de fato. É raiz de mulungu. Vi um filho do Chico Targino, furioso, que andava sacudindo pedras, ficar bom" (REGO, 1997, p. 93); "vamos ter chuva, compadre. Vento assim com este bafo de boca de fornalha não me engana" (REGO, 1993, p. 185).

De acordo com Barcia (2004), a língua é um dos principais aspectos que constituem uma região cultural. Segundo Moisés (1996, p. 193), "para erguer o painel da infância no engenho de açúcar, e com ele o da decadência do latifúndio açucareiro e a ascensão da usina, José Lins do Rego lança mão de um estilo desafetado, com evidentes marcas de oralidade [...] mais preocupado em ser verossímil que em fazer estilo". As marcas de oralidade abundam durante toda a narrativa: "-Bem, eu me vou" (REGO, 1997, p. 185); "-Tenho isto para enterrar no bucho de um cachorro" (REGO, 1997, p. 45). O uso vivo da linguagem coloquial é possível, em *Fogo morto*, graças aos constantes diálogos que se sobrepõem às descrições narrativas (COUTINHO, 1999), e o vasto vocabulário regional fica evidente, novamente, nas conversas dos passantes com o seleiro Mestre Amaro: "-Muito trabalho, mestre Zé? -Está vasqueiro" (REGO, 1997, p. 5, grifo nosso); "o compadre teve um *passamento*" (REGO, 1997, p. 76, grifo nosso); "está *dando bexiga* em Itabaiana?" (REGO, 1997, p. 97, grifo nosso). Logo, as questões linguísticas são fundamentais no delineamento da região, em *Fogo morto*.

A questão religiosa fica evidente, principalmente, através da figura do coronel Lula de Holanda que, apesar de aplicar castigos aos negros de seu engenho, procura passar por bom cristão e frequentar a igreja de Pilar, com sua família, aos domingos: "Seu Lula rezava e não sabia de mais nada. Agora era assim. O amor de Deus o absorvia inteiramente, naqueles instantes. Quando o cônego Frederico elevava ao Senhor o cálice de ouro, e as campainhas ressoavam na igreja, ele sentia-se uma vítima dos homens" (REGO, 1997, p. 153). A presença de Deus e do cristianismo como principal religião parece caracterizar a região: "destino, tudo destino. Nada poderia fazer contra os desígnios de Deus" (REGO, 1997, p. 39); "quem matou meu passarinho / É judeu, não é cristão, / Meu passarinho tão manso / Que comia em minha mão" (REGO, 1997, p. 54). Os negros do engenho deveriam abdicar de seus cultos – ainda que se tratassem, muitas vezes, de cultos cristãos, como a Cosme e Damião –, a fim de cultuar o que era aceito pela religiosidade regional: "agora, todas as tardes, os negros teriam que rezar as ave-marias. Negro não podia mais andar de reza para são Cosme e são Damião. Aquilo era feitiçaria" (REGO, 1997, p. 139).

O conjunto de crenças e lendas de uma região também se configura como regionalidade. Em *Fogo morto*, o mito do lobisomem⁷, presente na figura do Mestre Amaro, faz parte da crença popular: "dizem que pelas estradas, pela beira do rio, alta noite o velho virava em bicho perigoso, de unha como faca, de olhos de fogo, atrás da gente para devorar" (REGO, 1997, p. 25). Graças à sua aparência doentia, ao seu comportamento grosseiro com a mulher e a filha e às

⁷ Vide Müller (2009): "Mestre Amaro, um lobisomem do canavial: a representação da licantropia em *Fogo morto*".



suas saídas à noite, faz parte do imaginário social da região que Zé Amaro é o lobisomem. Surgem boatos pelo povoado e a crença de que o mestre seja mesmo lobisomem intensifica-se: “no outro dia corria por toda parte que o mestre José Amaro estava virando lobisomem” (REGO, 1997, p. 24). A força da crença regional é tão intensa que o seleiro precisa lidar com o temor dos habitantes da região durante toda a narrativa.

O compartilhamento de determinados valores pelos indivíduos de uma determinada região contribui para a sua configuração. A valentia e o sentimento antimonarquista – presentes, principalmente, na figura do Mestre Zé Amaro e do Capitão Vitorino – remetem à ideia de homem forte, geralmente atribuída pelo imaginário social, ao homem nordestino: “sou pobre, seu Pedro, mas sou um homem que não me abaixo a ninguém” (REGO, 1997, p. 13); “que fossem para o inferno os grandes da terra. Para ele só havia uma grandeza no mundo, era a grandeza do homem que não temia o governo, do homem que enfrentava quatro estados, que dava dor de cabeça nos chefes de polícia, que matava soldados [...]” (REGO, 1997, p. 70). O sentimento telúrico, presente nas personagens, evidencia outro valor regional, a sensação de pertencimento à região, de impossibilidade de abandono da terra. O Capitão Vitorino, mesmo com a insistência do filho e da mulher para deixar a cidade e mudar-se, com eles, para o Rio de Janeiro, em busca de vida nova, nega-se a sair de sua terra: “Vitorino, quando soube, desgostou-se. Não deixaria a sua terra por outra qualquer. Nem que fosse por um reino” (REGO, 1997, p. 203). Assim como Vitorino, o Mestre Zé Amaro, ao ser expulso de sua casa pelo coronel Lula, dono nas terras, também revela seu sentimento telúrico:

o mestre José Amaro foi até a pitombeira e sentia a terra como uma coisa que lhe pertencia. Lá estavam o cardeiro, o chiqueiro dos porcos, as touceiras de bogaris. As cajazeiras que se pontilhavam de amarelo com as frutas maduras. Cheiravam as cajazeiras, cheirava tudo que era da terra que ele teria que abandonar. E quando ele estava na contemplação destas coisas, que eram mais do que suas, ouviu passos de um cavalo na estrada. (REGO, 1997, p. 181).

Todas essas regionalidades, simbólicas ou materiais, apontam, com maior ou menor intensidade, para a configuração de uma região em *Fogo morto*, interpretada e simbolicamente representada por José Lins do Rego. O que ocorre em *Fogo morto*, de acordo com Eduardo Coutinho (1988), além da configuração da região, é a humanização da região, processo que só se faz possível graças à presença dos seres humanos que atribuem à região as suas identidades regionais.

As identidades regionais em *Fogo morto*.

A existência de uma região e suas regionalidades só ocorre a partir da existência de sujeitos que atribuam sentido à região e às regionalidades, praticando-as:

la región, por tanto, no se encuentra nunca desligada de la existencia de una determinada identidad cultural y que, afincada en el territorio y en la tradición histórica, expresa la manera cómo una comunidad se reconoce y se manifiesta. Existe a través de un sentimiento de



pertenencia que se expresa en una identidad regional. (BERUMEN, 2005, p. 52).

As identidades dos sujeitos, assim como a região e as regionalidades, não são de todo homogêneas, únicas e imutáveis; pelo contrário, “a identidade do indivíduo resulta dessas identificações construídas no tempo e no espaço, na interação com diferentes pessoas e objetos. As identificações podem ser, em razão disso, temporárias, flutuantes e flexíveis, e não monolíticas, rígidas e eternas” (ARENDDT, 2012, p. 89). A flexibilidade identitária, no entanto, não impede que ocorram identificações com uma determinada região, colaborando para a sua constituição enquanto região cultural.

Em *Fogo morto*, a existência de diversas identidades contribui para a construção da região: sertanejos, escravos, cangaceiros, senhores de engenho, coronéis, todos coabitam o mesmo espaço e colaboram na construção da qualidade de ser regional: “isso é gente do sertão, não quero negócio com sertanejo” (REGO, 1997, p. 77); “-Por que não voto nele? Por que é cangaceiro, por que anda por aí com um grupo atacando os ricos?” (REGO, 1997, p. 42); “o povo do sertão não ia muito com a gente da várzea” (REGO, 1997, p. 128); “vocês todos vivem cheirando o rabo deste bandido. O coronel Rego Barros vai acabar com tudo isto!” (REGO, 1997, p. 191). Todas essas diferentes identidades acabam significando, principalmente através do sentimento de pertença, a região em que se inserem.

Nem sempre, no entanto, o sentimento de pertença à região em que se está inserido pode ser observado em todas as personagens de uma obra literária. Muitas vezes, os indivíduos que habitam um determinado espaço regional não se sentem representados por ele: “as personagens literárias tanto podem se sentir perfeitamente integradas ao mundo regional, como também entrar em conflito com os valores culturais aí vigentes, resultando naquilo que passo a denominar como ‘o mal-estar na região’.” (ARENDDT, 2012, p. 88)⁸. Na obra em análise, o principal representante desse sentimento de tensão no ambiente regional é Seu Lula de Holanda, proprietário do engenho Santa Fé.

O Coronel Lula mostra-se em total desajuste com o mundo regional: não consegue tocar o engenho Santa Fé, levando-o à falência, a “fogo morto” (REGO, 1997, p. 245). Não é estimado pelos escravos, ao contrário de sua esposa e de sua sogra, que mantêm relações de afetividade com todos no engenho. As características de Lula distinguem-no dos demais habitantes da região do Pilar: “o coronel Lula é homem de opinião. É homem soberbo. Nunca vi senhor de engenho de tanto luxo” (REGO, 1997, p. 13); “Lula falava de sua família de Pernambuco com soberba. [...] Por que Lula falava assim contra o povo dos engenhos?” (REGO, 1997, p. 142); “era homem da cidade, só podia sentir-se sem jeito pelo trabalho do campo” (REGO, 1997, p. 148); “de fato, o marido não parecia homem, como era sua gente” (REGO, 1997, p. 124). A partir desses trechos, fica visível o fato de que, apesar de habitar as terras do engenho, e, portanto, a região ali formada, Lula de Holanda não atribui sentido a essa região, não possui o sentimento de pertença em relação a esse espaço. A consequência desse desajuste é a causa do principal acontecimento da narrativa: a decadência do engenho.

⁸ O mal-estar na região, segundo Arendt (2012), ocorre quando há um conflito entre os valores de uma determinada região e os valores do indivíduo.



Perfeitamente ajustadas à região, ou não, são as identidades regionais que permitem que um espaço cultural se configure em espaço regional, possuidor de características distintas referentemente a outros espaços regionais, que são, por sua vez, habitados por outras identidades regionais e possuidores de outras práticas de regionalidades.

Conclusão.

Em *Fogo morto*, de acordo com Moisés (1996, p. 197), José Lins do Rego realiza uma "coerência íntima entre memória e invenção", entre realidade e ficção. Ao mesclar memória e ficção, o autor consegue, com maestria, configurar, literariamente, a região da qual é proveniente, a região na qual passou sua infância, entre escravos, cangaceiros, senhores de engenho e coronéis. Segundo Arendt (2011, p. 230),

a literatura regional é pródiga em criar lugares de memória, podendo estes se relacionar à representação não só de monumentos, prédios ou locais históricos, mas, num sentido amplo, também de pessoas, eventos, textos, ideias, rituais, canções, instituições. É necessário pensar ainda, que esses lugares funcionam, para determinados grupos sociais e através das gerações, como pontos de cristalização da memória e da identidade regional e suprarregional.

José Lins do Rego, através das histórias de vida de suas personagens, de suas memórias, de seus costumes e crenças, consegue construir esse espaço regional. A partir de determinadas regionalidades, simbólicas e materiais, a região vai se constituindo durante a narrativa, o contexto sócio-histórico-cultural vai se delineando, e as personagens vão se identificando com esse espaço cultural.

Em *Fogo morto*, a região é construída sem a necessidade do elogio e da idealização de suas características, sem a pretensão de exaltar o regional (BARCIA, 2004). Pelo contrário, a construção do regional ocorre por meio dos traços de regionalidade, que ficam evidentes nas práticas dos indivíduos que ali vivem. São esses indivíduos os responsáveis, em última instância, pela existência da região:

regiões não existem simplesmente. Os modelos identitários aparentemente bem definidos, que identificam um determinado contexto local com "seus" cidadãos e "sua" cultura, com uma benvinda "unidade" regionalmente professada – mesmo que eles se tornem uma espécie de vida ou de "segunda natureza" das pessoas neles nascidas ou a eles incorporadas (como pátria por opção) –, são realidade somente porque eles (os modelos identitários), como toda cultura, são construídos e preservados. Ou seja, os modelos identitários são, pura e simplesmente, construídos pelo homem. (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 28).

A existência de uma identidade cultural que atribua sentido a um determinado espaço cultural é que permite que a região exista em suas fronteiras, não apenas físicas, mas, sobretudo, simbólicas. Mesmo que haja sobreposições de identidades em um mesmo espaço cultural, a existência de identificações por um espaço cultural em comum resultará na consolidação da





região: "la identidad regional – cuya existencia nunca puede presumirse a priori –, se da cuando por lo menos una parte significativa de los habitantes de una región ha logrado incorporar a su propio sistema cultural los símbolos, valores y aspiraciones profundas de su región" (GIMÉNEZ *apud* BERUMEN, 2005, p. 53). José Lins do Rego, com sua obra-prima *Fogo morto*, consegue não apenas humanizar, a partir de suas personagens, a região representada na obra, mas também trazer ao conhecimento do público leitor a configuração de uma região cultural em sua regionalidade.

Cultural region, regionality and regional identity in Fogo morto, by José Lins do Rego.

Abstract

This essay discusses the concepts of cultural region, regionality(ies) and regional identity(ies) in literature, from the analysis of *Fogo morto*, a novel by José Lins do Rego. It discusses how the region is configured, internally, in the novel, with the presence of regionalities that characterize the social, historical and cultural context in which the characters, who identify themselves with this region through their regional identities, are inserted. As theoretical basis, this discussion contemplates studies on the region and regionality from Haesbaert (2010), Joachimsthaler (2009), Berumen (2005) and Barcia (2004), among others.

Keywords: Cultural Region. Regionality. Regional Identity. *Fogo morto*.

Referências:

ANDERSON, Benedict R. (2008). **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras.

ARENDDT, João Claudio. (2011). Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. **Pandaemonium Germanicum**, n. 17, São Paulo, p. 217-238. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pg/n17/a12n17>. Acesso em: 20 jul. 2013.

_____. (2012). Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. RUA [online], n. 18, v. 2, p. 82-99. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo>

.rua?id=136. Acesso em: 20 jul. 2013.

_____. (2012) O mal estar na região: Belmiro, Ester e Blau. **Nonada**, v. 02, Porto Alegre, p. 85-95. Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/694/518>. Acesso em: 20 jul. 2013.



BARCIA, Pedro Luis. (2004). Hacia um concepto de la literatura regional. In: CASTELLINO, Marta Elena; RIVERO, Gloria Videla de. (Org.). **Literatura de las regiones argentinas**. Mendoza: Universidad Nacional Del Cuyo, p. 25-45.

BERUMEN, Humberto Félix. (2005). **La frontera en el centro**: ensayos de literatura. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma.

BOURDIEU, Pierre. (2003). A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. **O poder simbólico**. 6. ed. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 107-132.

CASTELLO, José Aderaldo. (1961) **José Lins do Rego**: modernismo e regionalismo. São Paulo: Edart.

_____. (2009). José Lins do Rego. In: In: PATRICK, Julian. (Org.). **501 grandes escritores**. Trad. de Livia Almeida e Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante.

CHIAPPINI, Lígia. (1995). Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 08, n. 15, p. 153-159. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1989>. Acesso em: 20 jul. 2013.

COUTINHO, Afrânio. (1999). **A literatura no Brasil**: era modernista. 5. ed. São Paulo: Global, v. 5.

COUTINHO, Eduardo de Faria. (1988). A relação arte/realidade em *Fogo morto*. In: _____. **Ensaio sobre José Lins do Rego**. João Pessoa: Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

HAESBAERT, Rogério. (2010). Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**: letras e humanidades, n. 3, Caxias do Sul, p. 2-24. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewArticle/416>. Acesso em: 22 jul. 2013.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. (2009). A literarização da região e a regionalização da literatura. **Antares**: letras e humanidades, n. 2, Caxias do Sul, p. 27-60. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewArticle/400>. Acesso em: 20 jul. 2013.

LAUERHASS JR., Ludwig. (2007). Um cânone de quatro partes para a análise da identidade nacional brasileira. In: LAUERHASS JR., Ludwig; NOVA, Carmen. **Brasil, uma identidade em construção**. São Paulo: Ática, p. 11-24.

LINS, Álvaro. (1967). **O romance brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ediouro.





LOWENTHAL, David. (1998). Como conhecemos o passado. **Projeto história**, São Paulo, n. 17, p. 63-201. Disponível em: [http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria](http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria17.pdf)

a17.pdf. Acesso em: 15 jul. 2013.

MASSEY, Doreen B. (2008). **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. de Hilda Pareto Macial e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MOISÉS, Massaud. (1996). **História da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, v. 5.

MÜLLER, Dangelo. (2009). **Mestre Amaro, um lobisomem do canavial**: a representação da licantropia em *Fogo morto*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 142 p. (Dissertação de mestrado). Disponível em: http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2009-10-20T160526Z-308/Publico/Dissertacao%20Dangelo%20Muller.pdf. Acesso em: 24 jul. 2013.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. (1992). **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 1-15. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 3 jul. 2013.

POZENATO, José Clemente. (2003). Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: _____. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, p. 149-160.

REGO, José Lins do. (1997). **Fogo morto**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SANTOS, Rafael José dos. (2009). Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. **Antares**: letras e humanidades. Caxias do Sul, n. 2, p. 5-26. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewArticle/399>. Acesso em: 20 jul. 2013.